

CONSCIÊNCIA DE CLASSE

“OS FILÓSOFOS APENAS INTERPRETARAM O MUNDO DE DIFERENTES MANEIRAS O QUE IMPORTA É TRANSFORMÁ-LO”



Emancipação Socialista



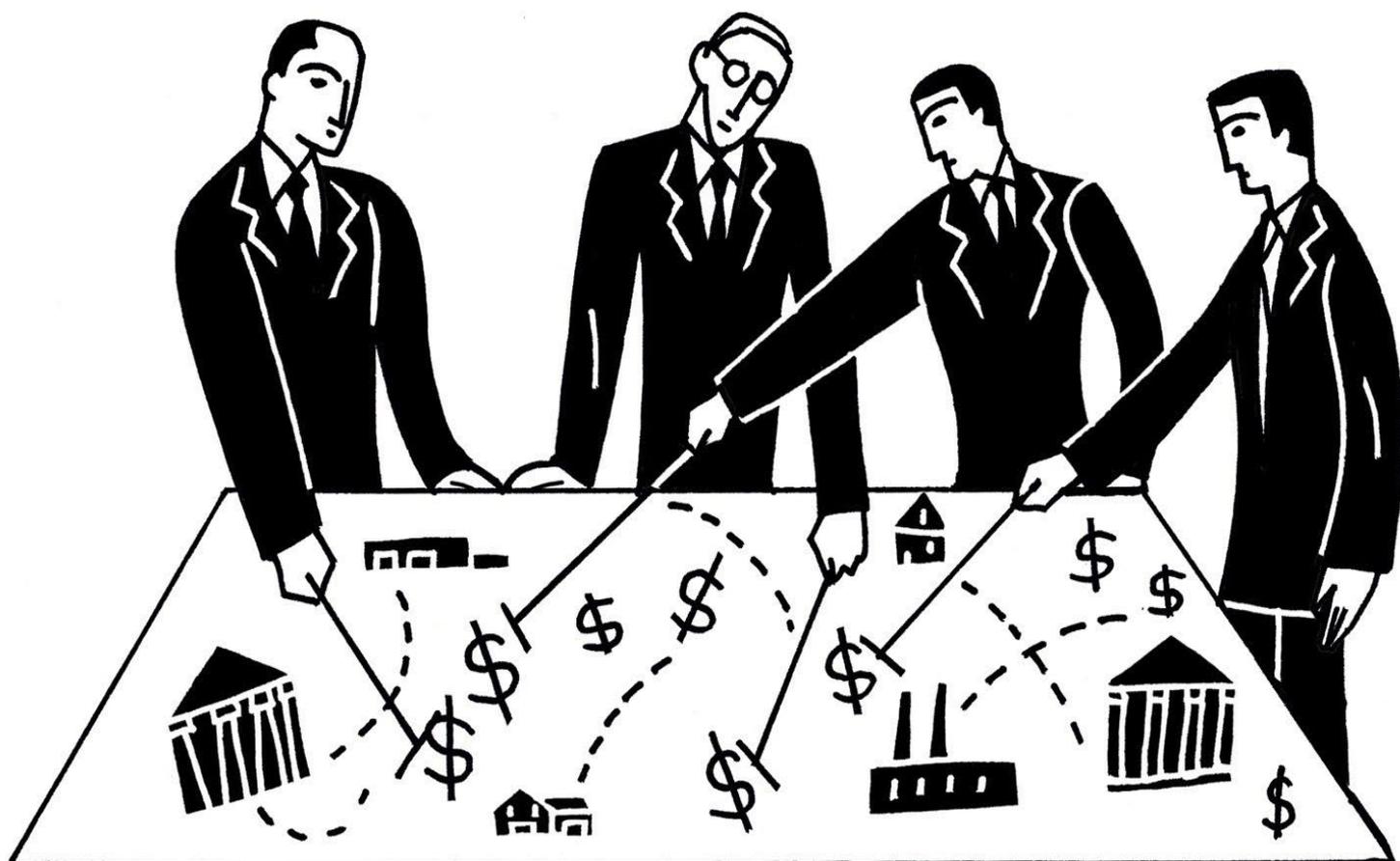
(11) 95675-2133

Nº 16

15/04 a 14/05 de 2022

R\$ 2,00

QUANTO MAIS GUERRA, TRABALHO
SEM DIREITO, FOME E DESEMPREGO,
MAIS CRESCE A RIQUEZA "DELES"



**A NECESSIDADE DE UMA
CONSCIÊNCIA SOCIALISTA**

PÁG. 3

**O POVO UCRANIANO É A
MAIOR VÍTIMA DA GUERRA**

PÁG. 4

**HISTÓRIA: LÊNIN E A I
GUERRA MUNDIAL**

PÁG. 5

**O PSOL E AS ALIANÇAS COM
PARTIDOS BURGUESES**

PÁG. 6

**RJ: BLOCOS DE CARNAVAL E A
ESQUERDA FESTIVA**

PÁG. 7

A VOLTA DA CENSURA?

O Ministério da Justiça e determinou, em meados de março, em caráter cautelar, para as plataformas que possuem os direitos de distribuição do filme "*Como se tornar o pior aluno da escola*", de Danilo Gentili (estrelado por Fábio Porchat), que alterem a classificação indicativa do filme, que passou de 14 anos para 18 anos, recomendando que a exibição do filme em televisão aberta, apenas após às 23 horas.

A cena que gerou a polêmica mostra o personagem de Fábio Porchat mediando um conflito entre dois garotos e pedindo para que eles o masturbem. Por isso bolsonaristas apontaram que o filme, lançado há cinco anos, faz apologia à pedofilia. Fábio Porchat rebateu as críticas dizendo se tratar de uma obra de ficção, como tantas outras no cinema e na televisão. E Danilo Gentili acabou provando do seu

próprio veneno, ele que foi eleitor entusiasta de Bolsonaro, em 2018.

Depois dessas medidas contra o filme, o Ministro Raul Araújo, do TSE, proibiu que artistas que se apresentassem no festival Lollapalooza fizessem manifestações políticas. A decisão foi em resposta ao pedido do Partido Liberal (PL), de Bolsonaro, após as cantoras Pablo Vitar e Marina se manifestarem no primeiro dia do festival.

A reação dos artistas foi jogar a proibição do TSE e o entulho autoritário na lata do lixo da História. Bandas como Fresno, Planet Hemp e artistas como Lulu Santos e Glória Groove descumpriram a proibição, fazendo com que o partido de Bolsonaro desistisse da ação contra o festival e que o TSE revogasse a censura ao Lollapalooza, responsabilizando o partido do fascista, hoje de plantão no Planalto Central.

GREVE DOS GARIS - RIO DE JANEIRO

Uma forte greve dos garis no Rio de Janeiro, ao estilo do que já tinha acontecido em 2014, estourou em final de março. Enfrentando Eduardo Paes, os meios de comunicação, o Judiciário e a polícia, os garis atropelaram a direção do sindicato pelega e deram uma grande demonstração de força.

Parte de um processo de retomada das lutas (professores de Minas Gerais; rodoviários do RJ e Maranhão; servidores do INSS em 19 estados brasileiro e outros segmentos do funcionalismo federal) e em resposta à alta generalizada dos preços, os garis fizeram um ato com mais de dois mil trabalhadores em frente ao TRT/RJ e rejeitaram a proposta de reajuste de 8%, parcelado duas vezes, uma de 6% e outra de 2%.

O prefeito Eduardo Paes acusou a infiltração no movimento e a presença de baderneiros, que

instrumentalizaram os piquetes na categoria. O ex-vereador do PSOL, Babá, chegou a ser detido. Diante da repressão do prefeito patronal, perguntamos aos militantes do PT, do PC do B e do PSOL (como o vereador Tarcísio Motta) que apoiaram Eduardo Paes como "mal menor": não fazem nenhuma auto-crítica a esse vergonhoso apoio?

Por fim, o sindicato decidiu suspender o movimento, sem fazer uma assembleia, alegando a ocorrência das fortes chuvas que caíram no Rio de Janeiro. Essa atitude antidemocrática e burocrática gerou confusão, mas um setor conseguiu retomar a greve. Por fim, mesmo tendo alcançado mais de 80% de adesão e sem conseguir grandes conquistas materiais, suspenderam o movimento, mas sinalizaram um caminho para outras categorias que entraram em greve, como os metalúrgicos da CSN e o Comperj.

RETOMADA DAS LUTAS

Cinco greves importantes acontecem em Minas Gerais: Metroviários, educação estadual, educação municipal Belo Horizonte, CSN e segurança pública estadual.

Os Metroviários lutam pelo emprego contra a venda do metrô. Bolsonaro e Guedes quer privatizar e transferir os trabalhadores para iniciativa privada em condições trabalhistas inferiores e fazendo a população pagar mais caro pelas passagens (que teve aumento nos últimos anos com este propósito privatista).

Na educação estadual e municipal a luta é pelo Piso nacional. Se enfrentam contra o governador Zema (Novo) que pretende concorrer a reeleição, e com o prefeito Kalil (PSD em discussão com PSB e com apoio do PT) que também pretende concorrer ao governo do Estado. Um fato grave sobre a greve municipal: o prefeito Kalil mais uma vez colocou a guarda municipal para agredir os professores, atingindo na cabeça uma das lideranças que ficou desacordada. Tal é o comprometimento com o projeto eleitoral do PT, que um dos dirigentes estaduais da CUT se recusou a assinar uma nota de repúdio, pois poderia atrapalhar o projeto eleitoral de Kalil...

Na Segurança Pública é cobrado um compromisso de reajuste não cumprido pelo governador.

Na CSN, os trabalhadores reivindicam reajuste salarial e outras questões do acordo coletivo. A mineradora cresceu e quer manter o achatamento dos salários.

Essas mobilizações surpreendem pela alta adesão de base, pela combinação de greve com atos de rua massivos, pela contradição de baixos salários e inflação alta. E pela tentativa de unificar com outras categorias. Na Segurança Pública, questões corporativistas e histórico da categoria dificultam unidades com os outros trabalhadores.

Na CSN, a distância para a capital é uma dificuldades, mas, os trabalhadores da educação e metroviários já fizeram 3 manifestações conjuntas e tem a solidariedade de outras categorias. Petroleiros de Minas, por exemplo, atrasou sua entrada de trabalho em 3 horas num em solidariedade. Se as centrais sindicais do país fossem de luta, teríamos atos em todo o país em solidariedade e rumo a unidade de datas base!

O jornal **Consciência de Classe** é o órgão de imprensa da organização Emancipação Socialista. Os artigos assinados expressam a opinião dos autores. Estamos abertos a contribuição de texto de ativistas de esquerda mesmo de caráter crítico às nossas posições.

Emancipação Socialista

é uma organização formada por trabalhadores e trabalhadoras. Atuamos na luta de classes com o objetivo de construção do socialismo. Temos como referência o marxismo, um método vivo para a análise da realidade e da prática revolucionária.

Também nos apoiamos nas elaborações de outros marxistas revolucionários que contribuíram para o enriquecimento dessa teoria e da prática militante. Se tiver interesse em conhecer melhor nossas posições entre em contato por um dos canais das redes sociais.



O 1º DE MAIO, A AUSÊNCIA DA CONSCIÊNCIA SOCIALISTA NA CLASSE TRABALHADORA E A NECESSIDADE DE UMA ALTERNATIVA

O de 1º de maio é feriado, mas não é um dia de comemorar o Dia do Trabalho, isso é uma falácia burguesa para esconder o verdadeiro sentido desta data.

Ela surge após mobilizações e greves de trabalhadores nos EUA em 1886, que lutaram por redução de carga horária para 8 horas por dia (trabalhavam em média 16 horas) sem redução de salários e foram vitoriosos!

Em 1891, a II Internacional Socialista aprovou a data como um dia mundial de luta da classe trabalhadora pela redução da jornada de trabalho para 8 horas e nos anos seguintes nesse dia houve passeatas, manifestações, greves e choque com a polícia.

Então, muitos governos reconheceram a data como feriado do “Dia do Trabalho” e buscaram cessar as manifestações com festividades. Hoje mais de 80 países reconhecem a data e no Brasil, isso ocorreu somente em 1925, mas já aconteciam diversas mobilizações no 1º de maio antes disso.

Assim chegamos nesse momento em que, inclusive, as principais centrais sindicais fazem festas e sorteio de presentes na data, acobertando o verdadeiro sentido desta data.

A UBERIZAÇÃO DIFICULTA A ORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA?

Após 136 anos desta histórica mobilização, entre tantas outras, o reconhecimento da classe trabalhadora sobre si própria é cada vez menor, ou seja, o trabalhador não se vê como trabalhador.

Os fatores são dos mais diversos, a própria localização dos espaços de trabalho tem cada vez mais dificultado essa aproximação entre trabalhadores. A forma de trabalho popularizada de uberização, na qual não há vínculo de trabalho e o trabalhador deve atender as várias exigências das empresas só para ganhar uma porcentagem do valor que elas recebem. E sem direitos

trabalhistas, sem regulação de horário de trabalho, pois são submetidos a longas jornadas de trabalho.

Além das péssimas condições de trabalho, há a dificuldade de organização desses trabalhadores que estão dispersos e sem vinculação com outros trabalhadores; as várias mobilizações de entregadores de aplicativos do ano passado, por exemplo, não foram suficientes para criarem formas organizativas, o que dificulta a manutenção do debate e formação política dessas categorias.

AS DIREÇÕES SINDICAIS... AJUDANDO A PATRONAL

Mesmo entre os trabalhadores com emprego fixo e carteira assinada, a organização e até a confiança nos sindicatos também têm diminuído, contribuindo para a queda na taxa de sindicalização. Só para ter uma ideia, entre 2012 e 2017, o decréscimo de trabalhadores sindicalizados foi de 1,7%, já entre os anos 2017 e 2019 chegou aos alarmantes 3,2%. **Em 2019, a taxa de sindicalizados atingiu aos míseros 11,2% .**

O nível de burocratização dos sindicatos é muito grande, muitos dirigentes sindicais se preocupam mais com a carreira política do que organizar a classe trabalhadora. Primeiro, não enfrentam a demissão de trabalhadores: no início de 2020, o desemprego atingia mais 11 milhões de pessoas e no início de 2022, são mais de 12 milhões. Ressaltando que 70% dos acordos coletivos das categorias o reajuste salarial ficou abaixo da inflação, refletindo diretamente na classe trabalhadora, causando a drástica queda do poder de compra.

Enfim, além das dificuldades da própria classe, ainda temos a ineficácia dessas direções sindicais, mais preocupadas em ajudar na gestão das empresas do que na organização da classe trabalhadora.

Também temos que considerar

que os patrões se aproveitam dessa situação para impor mais arrocho salarial. Em 2021, por exemplo, a maioria das greves foram para evitar a perda de direitos. Vale ressaltar que 60% dos reajustes desse ano foram abaixo da inflação.

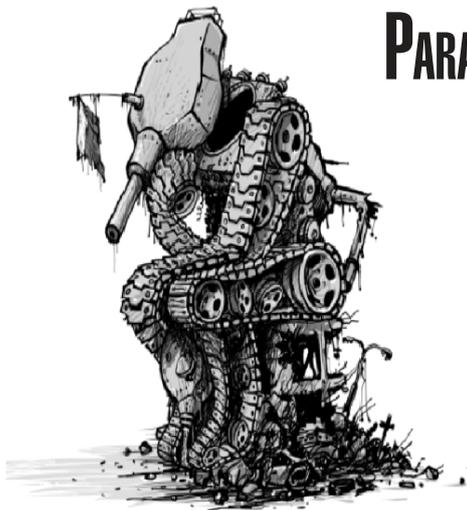
A NECESSIDADE DE UMA ALTERNATIVA POLÍTICA DA CLASSE TRABALHADORA

Além disso, a ideologia burguesa penetra na classe trabalhadora de diversas maneiras, como a ideia do empreendedorismo, situação que o trabalhador é explorado, mas pensa que é patrão (veja edição passada). O próprio trabalhador, pelo aplicativo, acha que tem “liberdade para escolher o horário” e “não tem patrão” quando na realidade é tiranicamente controlado por empresas como UBER, Ifood, etc.

Nós também apontamos a crise de alternativa socialista, reforçada principalmente após a queda do Muro de Berlim. A classe trabalhadora fica mais suscetível ao conto de vigário (da burguesia) e não acredita em nenhuma alternativa fora do sistema. Nesse sentido, cabe a contribuição das organizações revolucionárias para o desenvolvimento de uma consciência política na classe trabalhadora.

Nesse momento, em termos práticos, vemos que a esquerda anticapitalista pode contribuir de duas formas: fortalecer a construção do Polo Socialista Revolucionário (espaço que reúne organizações anticapitalistas e revolucionárias e ativistas independentes). E a outra forma é a formação de uma frente da esquerda anticapitalista em uma única candidatura, ou seja, PCB, PSTU e UP. Não há razão de termos três candidaturas, situação que confunde ainda mais a classe trabalhadora.

Apesar de termos muitas críticas a esses partidos, é de extrema importância mostrar para a classe trabalhadora que há alternativa por fora das candidaturas burguesas (PL, PT, MDB, etc.).



PARAR PUTIN E SUA AGRESSÃO À POPULAÇÃO UCRANIANA!

NENHUMA CONFIANÇA NOS ESTADOS UNIDOS E OTAN!

PELO FIM DA GUERRA!

Atendência é que a guerra entre russos e ucranianos dure muito tempo. Os números já revelam dezenas de milhares de mortos e feridos, apesar das disputas “pela verdade” das cifras. Vários atingidos acabam com graves mutilações ante o pesado arsenal utilizado, tipo “de última geração”, armas de ampla destruição.

Milhares de jovens soldados já estão mortos ou sequelados, cidades destruídas por bombardeios, desconexão sócio econômica geral na Ucrânia e a hipocrisia geral dos dirigentes de OTAN, EUA e Rússia seguem como a tônica.

Os debaixo são os que mais sofrem e os trabalhadores tem tudo a perder dentro deste conflito de interesses capitalistas. Muitos perdem a vida, outros perdem casas, parentes e até são obrigados a irem a outros países. E ficam sequelas físicas e psicológicas.

A disputa pela hegemonia política regional e/ou global se abraça à disputa internacional de mercados e à alegria da indústria de armas. Essa guerra é uma expressão do capitalismo, que coloca o lucro acima da vida.

PUTIN NÃO TEM NADA DE PROGRESSISTA

Parte da esquerda segue fechando os olhos para questões importantes no conflito e sonha com um papel progressivo de Putin, candidato a czar pós-moderno. Apoiam Putin, mas não demonstram o que teria de progressivo, do ponto de vista dos interesses dos trabalhadores, essas disputas de Putin pelo território ucraniano.

Os trabalhadores também não ganham nada com essa aliança com chineses que só visa ganhar espaços na geopolítica internacional e ter mais

comércio e, portanto, mais lucro.

Alguns acreditam no argumento infantilizado da “desnazificação”, quando ocorre justamente o contrário e o que menos importa a Putin é combater a direita extrema, ninho no qual coabita com seus amigos europeus (como a reacionária Le Pen na França), Bolsonaro e outros.

No sistema global do capital, diferentes blocos disputaram entre si fatias do mercado, pois o capitalismo é um sistema competitivo em essência. Os diferentes setores do capital utilizam diversas formas – a guerra é uma delas - de penetração e controle de novos territórios, sempre com o objetivo de ampliar seus lucros, de valorizar seu capital. E é só isso que Rússia e China estão interessadas.

A GUERRA SÓ SERVE AO CAPITALISMO

Voltando ao tema da guerra, a ofensiva russa se combina com complicadas negociações e alguns recuos a partir do final de março. O que se vê no rastro russo deixado é intensa destruição, especialmente em cidades como Mariupol praticamente reduzida a escombros e cinzas. Confirma-se o constante ataque do exército russo a alvos civis. Por isso, é legítima a resistência nacional ucraniana em função de sua violação territorial, trata-se de uma ação defensiva justa, apesar de Zelenski não merecer a confiança dos trabalhadores.

Ao que tudo indica Putin agora se concentra em conquistar a região de Donbass (Luhansk e Donetsk), Mariupol que fica nas proximidades de Donbass, criando uma faixa até Criméia que está anexada. Além desse “corredor”, essa região é mais industrializada do país, produtora de carvão e aço.

Tal ação ilegítima e desproporcional da Rússia apenas fortalece a OTAN – órgão capacho das potências imperialistas e seus aliados subservientes e medrosos - aos olhos médios da população mundial e os sentimentos russofóbicos nos

setores mais conservadores, como os ultranacionalistas e neonazistas na Ucrânia. Também fortalece o direitoso governo ucraniano, aproximando a Ucrânia dos EUA e seus interesses.

Copiando o estilo putinista – ou seria o oposto? – Biden sugeriu que Putin deveria sair do poder russo, mais uma bravata típica da “democracia imperialista” que adora intervir em outras nações. Por sua vez, o desserviço putinista é imenso, mas ele segue saudado pelos politiquieiros da conciliação de classes da velha esquerda. Isso debilita até a posição russa sobre as justas reivindicações sobre sua soberania e caso consiga um bom acordo com os ucranianos será conquistado via força e com muito desgaste político e econômico externo e interno.

SÓ A CLASSE TRABALHADORA PODE DETER PUTIN E PARAR ESSA GUERRA

Putin e suas práticas não são uma boa aposta para o futuro da humanidade. O papel russo neste conflito é reacionário e demonstra que não tem qualquer possibilidade de propor ao mundo nem mesmo um utópico ‘capitalismo de rosto humano’. Vemos sua violência agressora na destruição de cidades ucranianas, nas valas comuns e nos prédios bombardeados.

Para Biden, Putin e os grandes líderes mundiais o povo trabalhador, os jovens soldados e a população civil desarmada representam apenas um detalhe, um cálculo, um numero como bucha de canhão neste jogo de interesses capitalistas, ou seja, esbravejam contra Putin, mas na realidade torcem que a guerra se prolongue por causa dos interesses econômicos em jogo.

A nossa posição contra Putin não significa apoio ao governo ucraniano, pois o projeto de Zelenski é se aliar mais ao imperialismo. Defendemos que a classe trabalhadora ucraniana assuma a direção da resistência à invasão russa. Não se pode confiar nesses governos burgueses.

LÊNIN E A 1ª GUERRA

A eclosão da I Guerra Mundial deixou claro que o otimismo da chamada “Bela Época” era ilusória, pois vivíamos um período de corrida armamentista por disputas importantes dos mercados globais na época também simbolizado pelo colonialismo direto. Era o fim de uma aparente fase áurea do capitalismo e um duro golpe para o socialismo em sua vertente reformista. A palavra de ordem “guerra contra a guerra” foi até 1914 a posição dominante dos partidos da II Internacional. Esse foi o compromisso assumido em diversos congressos anteriores à guerra.

Com a aproximação do conflito, em novembro de 1912, o bureau (direção) da II Internacional convocou um congresso extraordinário que se realizou em Basileia, na Suíça. Nesse encontro foi aprovado, por unanimidade, um manifesto que destacava os perigos da guerra que teria em si um caráter imperialista. A posição assumida pelos delegados no “Manifesto da Basileia” foi a de lutar contra a guerra.

Mais adiante, no entanto, alguns partidos, especialmente o alemão e o francês começaram a rever tal posição e a adotar a ideia “defensista”: chegam, em alguns casos, a votar nos parlamentos a favor dos créditos de guerra. Segundo este setor da esquerda da época, era preciso se colocar ao lado da burguesia nacional para defender a pátria de um suposto inimigo externo. Colocando o internacionalismo no lixo, os alemães justificavam essa política afirmando que nada poderia ser pior do que a vitória do império russo. Já os franceses, afirmavam que a vitória da Alemanha seria uma enorme derrota para os trabalhadores.

Ao defender tais disparates, os partidos socialdemocratas passaram a uma posição patriótica, estranha na tradição revolucionária ao menos presente desde o século XIX na 1ª Internacional. Era o fim dos princípios antimilitaristas e internacionalistas para este setor,

mas também a motivação para uma reorganização das forças socialistas. Assim, em setembro de 1915, 39 militantes socialistas europeus de 11 países se reuniram no vilarejo de Zimmerwald, também na Suíça.

Sendo o primeiro encontro internacional após o início da guerra, se caracterizou como uma reunião independente que reuniu o italiano Ordino Morgari, Martov, Trotsky e outros militantes suíços. O objetivo da conferência era discutir uma saída contra a guerra a partir de uma orientação verdadeiramente internacionalista.

A maioria acabou adotando uma postura pacifista, contrária à guerra e ao social-patriotismo, mas sem uma proposta concreta que fosse além da luta contra a guerra. Uma minoria se aproximou de Lênin, também presente, que reafirmou sua crença no “derrotismo” adotando a palavra de ordem de “transformação da guerra imperialista em guerra civil” e na necessidade de uma nova Internacional.

Mesmo minoritária na ocasião, a proposta de Lênin se tornaria importante no futuro da Internacional e suas definições ante outras guerras. O “Manifesto de Zimmerwald” foi elaborado por Trotsky que concordava com a necessidade de uma nova internacional, embora ainda apresentasse resistência ao chamado “derrotismo”. No texto, a guerra foi apresentada como resultado dos conflitos capitalistas, dos governos burgueses e dos socialistas que traíram o internacionalismo se rendendo ao social-patriotismo. Era o primeiro passo rumo a 3ª Internacional.



Os revolucionários do início do século XX defendiam transformar a guerra capitalista em revoluções

QUAL A RELAÇÃO COM A ATUAL GUERRA NA UCRÂNIA?

Nem todas as guerras são iguais. A 1ª Guerra Mundial se insere num contexto de conflito interimperialista, semelhante ao que ocorre entre Rússia e OTAN, neste momento. Mesmo que a Rússia não seja uma destacada potência imperialista global em todos os aspectos, seu potencial bélico a coloca, ao menos, como potência regional ou uma espécie de sub-imperialismo.

Portanto o que temos na Ucrânia é um conflito distinto da invasão do Vietnã ou do Iraque pelos EUA, por exemplo, quando uma nação imperialista agride outra absolutamente periférica, dependente e explorada e esta deve ter todo nosso apoio e solidariedade. Diferente disso, os socialistas não devem ter uma posição neste conflito diferente da derrota da invasão russa e das burguesias locais, sem nenhuma confiança em Zelenskis, OTAN, Bidens ou Putins da vida.

POESIA

HUGO BRITTO

O FIM DO TRABALHO

A quem abdica do existir
pelo sucesso na profissão
Não deixe o eu se omitir
Não acredite nessa ilusão

Se ainda estás a acordar
Acorde enquanto há tempo
Repare o erro na conduta
Evite todo esse tormento

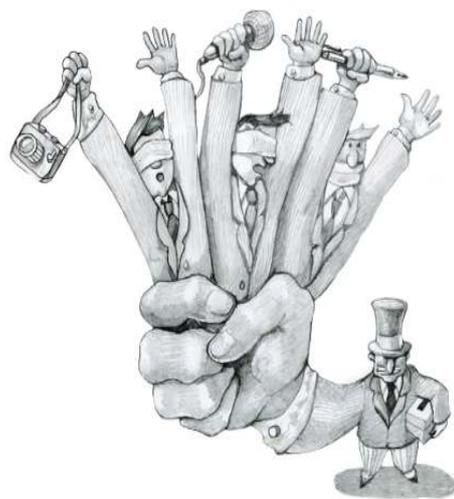
Não escolha a coadjuvação
Tome a rédia da própria vida
Não se refugie em templos
Não romantize as feridas

Ao se tornar aposentado
O que você gostaria de fazer?
Beber álcool até ser afogado?
Ou se empanturrar de comer?

Até o futebol será enfadonho!
As comédias perderão a graça!
O tédio rotineiro será medonho
O saudosismo será tua desgraça

Se tu vives em alienação,
Sem nem pensar em quem és
És um robô com programação
De sistema que o lucrar é o viés

Um dia o sistema frio te descartará
Como uma máquina velha ineficaz
Fora da casta, ilusoriamente assaz
Reflita! Da tua vida o que sobrar?



O PSOL foi fundado em 2004, no segundo ano do primeiro governo Lula. Surgiu da expulsão de parlamentares do PT que, naquele momento, destoaram da linha adotada pelo partido, especialmente na votação da reforma da previdência proposta pelo PT e aprovada em 2003.

A criação do PSOL, à época, trouxe um debate na esquerda brasileira. Não havia dúvidas, reforçada pela Carta Aos Brasileiros, que Lula faria um governo burguês, mesmo que com grande popularidade, focado no assistencialismo alavancado pelo “boom” das commodities. O surgimento, então, de um novo partido “socialista” poderia significar um polo de resistência e organização da classe trabalhadora. Após intensos debates, rupturas nas organizações e experiências, foi fundado o PSOL com uma série de correntes advindas de outros partidos ou que atuavam independentemente.

Nos anos seguintes, apesar da atuação de correntes revolucionárias sinceras que atuavam e atuam dentro do partido, o foco eleitoral foi ganhando cada vez mais força, em detrimento da atuação na organização dos trabalhadores, em sindicatos ou de outras formas. Com alguns parlamentares eleitos, a pressão pelo foco da atuação política no parlamento se fortaleceu ainda mais: o objetivo passou a ser a eleição de vereadores, deputados, etc. Muitos desses candidatos, inclusive, sem vínculo nenhum com as lutas que a classe trabalhadora travava e travaria, mesmo que com um discurso progressista.

Em outros momentos o partido aumentou o seu arco de alianças

A CRISE NO PSOL E SUAS ALIANÇAS BURGUESAS

para se coligar a partidos burgueses com um largo rol de ataques à classe trabalhadora: DEM e PSDB na prefeitura de Macapá (2013) e com o MDB em Belém. Apesar da resistência interna, o enfoque eleitoral e o distanciamento das necessidades da classe trabalhadora ganhava cada vez mais força.

Em 2017 foi aprovada a Reforma Política que diminuiu ainda mais os mecanismos democráticos. Dentre as cláusulas dessa reforma, estava a obrigatoriedade de os partidos terem uma quantidade mínima de votos ou deputados eleitos, a chamada “cláusula de barreira”, para manter o acesso ao fundo partidário e até mesmo para permanecerem na legalidade. Foi então criada a figura da “federação”, que poderia ser formada pela aliança de dois ou mais partidos, para conseguirem cumprir os quesitos propostos.

Nesse contexto, acontece o impeachment de Dilma, Temer assume e Bolsonaro é eleito em seguida. Contrarreformas profundas acontecem, como a aprovação da EC 95, que congela os investimentos sociais, a aprovação da contrarreforma trabalhista e também da contrarreforma previdenciária, a privatização de serviços públicos, e muitos outros ataques nunca vistos.

QUAL A TÁTICA PARA DERROTAR BOLSONARO E A DIREITA?

Derrotar Bolsonaro é prioridade de qualquer militante de esquerda, mas as custas de quê? No caso específico do PSOL, no decorrer dos anos, passou de uma oposição de esquerda aos governos petistas para o apoio incondicional. A justificativa seria derrotar Bolsonaro, mas a que custo? A maioria do partido quer retirar a candidatura própria para a presidência da República e já retirou a candidatura de Guilherme Boulos ao governo de São Paulo. O que vemos é uma submissão grande ao projeto petista.

O que poderia ser mencionado como uma “tática” para derrotar Bolsonaro, toma contornos de princípios: para justificar essas iniciativas, se constrói um discurso

do PT como partido de esquerda e de Lula como defensor dos direitos dos trabalhadores, esquecendo-se do histórico de 13 anos de governos petistas, contra os quais houve grandes greves e lutas.

A FEDERAÇÃO COM A REDE

Ainda, para superar a cláusula de barreira, o PSOL aprovou no dia 30 de março, uma federação com a Rede Sustentabilidade, partido que votou a favor da reforma da previdência de Bolsonaro e em São Paulo recebe financiamento do banco Itaú. Ao colocar como estratégia principal a construção eleitoral do partido, todas as iniciativas passam por garantir essa estratégia, e a defesa da classe trabalhadora fica em segundo plano.

Não é à toa lembrar que uma federação não é uma aliança pontual, mas que prevê a união de dois partidos durante todo o tempo de mandato, inclusive com um programa comum.

O MANIFESTO DA ESQUERDA DO PSOL E O LIMITE DE ATUAÇÃO NO PARTIDO

Militantes de dentro e fora do PSOL, incluindo correntes de esquerda que atuam dentro do partido, lançaram em março o manifesto “PSOL na encruzilhada” (<https://bit.ly/35Ph2No>), no qual denunciam os rumos que o partido vem tomando. A iniciativa é importante, por exigir que o partido tenha independência de classe, não se una a partidos e organizações de direita e que seja um instrumento da classe trabalhadora. Mas é limitada, uma vez que ainda buscam uma saída por dentro do partido e a direção majoritária, lhes ignora.

Os rumos do partido revelam, mais uma vez, que é necessário uma forma de organização que una ativistas e militantes de esquerda, que pode tomar formas diferentes, mas que tenha como iniciativa principal defender e organizar a classe trabalhadora para enfrentar o Capital. Infelizmente o PSOL não é um espaço para essa ação, precisamos fortalecer a luta da classe trabalhadora sem ilusão no Parlamento e sem alianças com a burguesia, ocupando os espaços que de fato, são organismos da classe trabalhadora.

BLOCOS CARNAVALESÇOS EM ABRIL:

"DESOBEDIÊNCIA CIVIL" OU APENAS INTERESSES EM FATURAR?

Na suspensão do carnaval de fevereiro último, em função da alta taxa de contaminados e óbitos decorrentes da variante Ômicron da COVID-19, muitos militantes que se dizem de esquerda pregaram a "desobediência civil" à suspensão do carnaval, defendendo literalmente botar "o bloco na rua". Alegavam que a suspensão do carnaval era hipocrisia, pelo fato do trabalho presencial ter retornado para a maioria dos trabalhadores, o que expunha os mesmos à conduções lotadas e aglomerações.

Sem tirar, nem por, a defesa da "desobediência civil" no carnaval, na prática, era uma "unidade de ação" com os negacionistas e com bolsonaristas. Ao invés de se colocar pela retomada do *lockdown*, medida eficaz, juntamente com a vacinação em massa, no combate a pandemia do coronavírus, esse posicionamento foi no sentido contrário, e sob os mais radicais argumentos, vulgarizou o que de fato é uma desobediência civil.

E, enquanto Bolsonaro anda a pressionar o conivente ministro da Saúde, Marcelo Queiroga para trocar o status de pandemia para endemia da COVID-19, a polêmica em relação à retomada do carnaval de rua, em abril, juntamente com o desfile das escolas de samba, é novamente colocada, como se negligenciassem o fato de que o coronavírus ainda segue matando duzentas pessoas por dia no Brasil.

OS BLOCOS, EM SUA MAIORIA, CAPITULARAM À INDÚSTRIA DE ENTRETENIMENTO

Na verdade, sob a pele de tão rebelde posição, existem os interesses mercantis que movimentam o carnaval de rua e não apenas o desejo de se divertir, confraternizar, algo próprio de manifestações culturais genuínas. Ora, a retomada dos blocos de carnaval, que veio no Rio de Janeiro, nos anos oitenta, como uma resposta a um carnaval que ficou reduzido ao desfile das

escolas de samba (voltado para os interesses das empresas de turismo e para os grandes meios de comunicação) e aos grandes bailes nos clubes (incorporados pelo turismo sexual) também foi absorvido pela indústria do entretenimento.

Isso pode ser constatado em um dos casos mais emblemáticos que foi o do bloco "Suvaco de Cristo". Criado por amigos, nos anos oitenta e que chegou a ter na sua ala de compositores, o músico pernambucano Lenine, o "Suvaco" (que para sair no primeiro ano, teve que enfrentar a Justiça, a PM e a Igreja Católica em função do nome) se tornou um grande negócio como mostra o documentário "Suvaco - 20 anos", chegando até adquirir uma sede campestre, face à farta quantidade de recursos movimentados, oriundos de patrocínios e da venda de camisetas. Enfim, algo bem distante da finalidade de um bloco de carnaval.

Portanto, não é de se espantar que essa retomada do carnaval de rua, tenha atraído cervejarias e outros patrocinadores, que passaram a investir no mesmo, ao estilo do que acontece há décadas no carnaval baiano e seus caros abadá, reproduzindo também o que já tinha sido feito com o "Suvaco de Cristo".

O RESSURGIMENTO DA "ESQUERDA FESTIVA"

Setores da esquerda, que estiveram nesse processo de retomada do carnaval de rua, passaram a ter no mesmo uma das suas políticas culturais, mas sem denunciar o processo de cooptação da mesma pela indústria do entretenimento. Por exemplo, o deputado estadual do PSOL, Eliomar Coelho, todo ano divulga uma agenda dos blocos, uma forma também de se cacifar eleitoralmente. Já o vereador Tarcísio



Motta do PSOL, o mais votado no Rio de Janeiro, é figura carimbada nos chamados blocos dirigidos pela "esquerda" e tem, inclusive, no seu corpo de assessores, muitos funcionários que atuam nessas agremiações e em escolas de samba. Já o PCB está na direção de dois blocos de respeito como "Comuna que Pariu" e "Prata Preta". E por aí vai.

O que é curioso é que a adaptação material à chamada "democracia representativa" e também à indústria do entretenimento faz renascer aquilo que se convencionou como "esquerda festiva". Muitos que se dizem de esquerda apoiaram Eduardo Paes, em 2020, para derrotar o "mal maior", Marcelo Crivella, e um dos muitos argumentos usados para esse vergonhoso apoio, foi a política fanática e obscurantista do ex-prefeito contra a cultura e o carnaval. Por exemplo, o sambista Marquinhos de Oswaldo Cruz, organizador da Feira das Yabás e do Pagode do Trem, que manteve a unidade com Paes, ligado à indústria do turismo, para tentar fazer valer os seus empreendimentos. Em 2022, são os blocos de rua, ignorando às vítimas da pandemia.

WALTER BENJAMIN, A INDÚSTRIA CULTURAL E O APARELHO BURGUEZ DE PRODUÇÃO...

Como bem escreveu Walter Benjamin, o aparelho burguez de produção é capaz de assimilar uma quantidade surpreendente de temas, que aparentemente lhe são contraditórios, sem pôr em risco sua própria permanência e da classe que o controla. Tem sido assim com as chamadas pautas identitárias e com manifestações culturais como a retomada do carnaval de rua. Enfim, tudo vira dinheiro.



AMÉRICA LATINA ENTRE AS LUTAS NAS RUAS E AS ILUSÕES PARLAMENTARES



O neoliberalismo na América Latina está sendo rechaçado nas ruas, desde antes da pandemia, como aconteceu no Chile, Equador, Colômbia e Bolívia. Ressaltando até a radicalização de algumas, como foi no Equador que acabou num acordão entre as direções do movimento e o governo.

Essas mobilizações têm a força para construir um movimento de base e de luta, mas há dois problemas: o primeiro é que as direções do movimento apostam na conciliação e cedem diante de qualquer promessa desses governos; o segundo se refere ao fato de que esses movimentos estão sendo deslocados para as eleições, iludindo a população. Quando são eleitos, esses governos ditos de “esquerda” logo fazem a mesma coisa e aplicam os mesmos programas de austeridade.

COLÔMBIA ENTRE PARAMILITARES E UM EX-GUERRILHEIRO

O povo colombiano tem convivido com desemprego, miséria, violência policial e paramilitar (ligados ao narcotráfico) contra militantes lutadores. O desemprego atingiu 13% da população, apenas 2 milhões dos 7 milhões de idosos recebem aposentadoria, só 9 milhões têm emprego formal, com a pandemia de COVID-19 a fome aumentou drasticamente.

Ainda esse ano, 29 de maio, poderá eleger o primeiro presidente de esquerda (institucional) de sua história. Gustavo Petro, é senador e foi guerrilheiro do grupo M-19. Sua vice, Francia Márquez, é militante dos Direitos Humanos. Apesar do passado guerrilheiro, Petro e sua coalisão Pacto Histórico tem como proposta um governo para fortalecer o Estado colombiano, sucateado pela política neoliberal que impera no país.

Mesmo sendo uma candidatura moderada, a extrema-direita Águas Negras vem fazendo ameaças de morte a Francia Márquez e Petro. Importante destacar que há vários grupos da

extrema-direita e paramilitares ativos e são financiados pelo narcotráfico. Muitos ex-guerrilheiros e lideranças populares são assassinadas.

Petro pretende se aproximar de um eventual governo Lula no Brasil e de Gabriel Boric no Chile, e não quer se identificar com os governos da Venezuela e de Cuba, devido a recentes declarações de Maduro que classificou Petro, Castillo e Boric como “esquerda covarde”.

PERU: MUDANDO PARA FICAR TUDO IGUAL

O Pedro Castillo, professor de origem camponesa eleito presidente do Peru no ano passado já enfrentou três pedidos de impeachment, todos rejeitados pelo Congresso.

Castillo tem uma posição pró-OTAN, mas seu partido, Peru Livre, se apresenta como democrático, descentralista, internacionalista, soberano, marxista-leninista-mariateguista e anti-imperialista. Mas, o que temos visto é Castillo aplicando as mesmas medidas neoliberais dos governos anteriores. Não tomou nenhuma medida contra o latifúndio, é contra a legalização do aborto, nomeou liberais para os ministérios, etc.

Desde julho do ano passado, Castillo vem protagonizando escândalos, do tráfico de influência (com delação da empresária Karolin Lopes, ligada ao governo) ao favorecimento da empresa Petroleum na venda de biodiesel, e a escolha de Ministro da Saúde de reputação duvidosa, seu ex-secretário Bruno Pacheco pressionou o chefe da Superintendência Nacional de Administração Tributária para conseguir empregos para amigos seus...

Com isso, mais uma vez, sepulta as ilusões de que se possa fazer algo pelas instituições.

CHILE: O QUE NÃO AVANÇA, RETROCEDE

O Gabriel Boric se tornou a grande esperança num país que luta para se livrar da tradição pinochetista. Defensor do Estado de Bem-estar Social contra o neoliberalismo, inicia seu mandato no mesmo período

em que a Assembleia Constituinte instaurada em julho de 2021 se prepara para apresentar o esboço do texto em 5 de julho. Hoje, vigora no Chile a constituição de 1980, liderada por Pinochet.

A nova Constituição deve declarar o Chile como um Estado Plurinacional e Intercultural, a exemplo da Bolívia e Equador e dessa forma os povos originários (Mapuche, Aymara e Rapa Nui) têm direito à livre determinação.

Outra discussão importante da Constituinte é a questão da natureza. Esse tema está vinculado à questão econômica, ampliando as possibilidades de punição para empresas que poluam o meio ambiente. É o chamado “direito da natureza” que ganha força em vários países.

O sistema de aposentadoria (hoje não é pública e o sistema financeiro controla os fundos de pensão), a forma de representação (tem proposta para acabar com o Senado) e o direito à Educação Pública, etc. Esses são alguns dos temas polêmicos e que a burguesia através dos meios de comunicação legitimado pela direita política, seguem tentando desacreditar a Constituinte.

O projeto chileno é o que foca com mais ênfase sobre a questão das mudanças sociais via Estado. A Constituinte foi uma conquista das mobilizações, mas, principalmente no Chile, a via institucional nunca foi um caminho para obter e consolidar conquistas políticas e sociais.

Para nós, Emancipação Socialista, as conquistas democráticas e econômicas da classe trabalhadora são importantes, mas não pode parar nelas. A mudança real para a classe trabalhadora só vem com o fim do capitalismo e da propriedade privada e só podemos alcançar com a Revolução Socialista pelos trabalhadores.